

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NICOLE GEOVANNA SILVA E LIMA

**O LEGADO DE EDITH CAVELL E SUA PRESENÇA NA PROPAGANDA  
DE GUERRA (1915)**

BRASÍLIA

2024

Nicole Geovanna Silva e Lima

**O LEGADO DE EDITH CAVELL E SUA PRESENÇA NA PROPAGANDA  
DE GUERRA (1915)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília como requisito para obtenção de grau de licenciatura em HISTÓRIA.

Orientador (a): Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

BRASÍLIA

2024

SL7321 Silva e Lima, Nicole Geovanna.  
O Legado de Edith Cavell e sua Presença na Propaganda de Guerra (1915) / Nicole Geovanna Silva e Lima; orientador Bruno Leal Pastor de Carvalho. -- Brasília, 2024.  
50 p.

Monografia (Graduação - História) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Edith Cavell. 2. Primeira Guerra Mundial. 3. Frente Doméstica. 4. Propaganda de Guerra. I. Leal Pastor de Carvalho, Bruno, orient. II. Título.

NICOLE GEOVANNA SILVA E LIMA

**O LEGADO DE EDITH CAVELL E SUA PRESENÇA NA PROPAGANDA  
DE GUERRA (1915)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História da Universidade de  
Brasília como requisito para obtenção de grau de  
licenciatura em HISTÓRIA.

Brasília, 11 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. (Bruno Leal Pastor de Carvalho)  
Universidade de Brasília

---

Prof. (Teresa Cristina de Novaes Marques)  
Universidade de Brasília

---

Prof. (Bárbara Manguiera do Nascimento)  
Universidade de Brasília

Aos meus pais, que com amor e dedicação escreveram a primeira e mais importante página da minha história. Sem o apoio de vocês, essa jornada teria sido apenas um rascunho.

## RESUMO

Este trabalho analisa o papel da enfermeira britânica Edith Cavell na Primeira Guerra Mundial e sua relação com a propaganda de guerra britânica após sua execução. A pesquisa demonstra como a história de Cavell, que ajudou soldados aliados a escapar da Bélgica ocupada, foi instrumentalizada para mobilizar a opinião pública e fortalecer o moral nacional. Inicialmente, o estudo discute o conceito de frente doméstica, com ênfase na participação feminina e contextualiza as regras morais da sociedade vitoriana na qual Edith viveu. Em seguida, aborda a biografia de Cavell, sua execução pelos alemães e os esforços comemorativos que consolidaram sua importância. Através da análise da cobertura jornalística, principalmente do jornal *The Times*, e da produção de cartazes sobre a enfermeira, o estudo revela as estratégias de propaganda utilizadas para construir a imagem de Cavell como mártir e como essa narrativa contribuiu para os desdobramentos do conflito.

Palavras-Chave: Edith Cavell; Primeira Guerra Mundial; Frente Doméstica; Propaganda de Guerra.

## ABSTRACT

This work analyzes the role of British nurse Edith Cavell in World War I and her connection to British war propaganda after her execution. The research demonstrates how Cavell's story, who helped Allied soldiers escape from occupied Belgium, was instrumentalized to mobilize public opinion and strengthen national morale. Initially, the study discusses the concept of the home front, with an emphasis on female participation and contextualizes the moral rules of the Victorian society in which Edith lived. It then addresses Cavell's biography, her execution by the Germans, and the commemorative efforts that consolidated her importance. Through the analysis of journalistic coverage, particularly by *The Times*, and the production of posters about the nurse, the study reveals the propaganda strategies used to construct Cavell's image as a martyr and how this narrative contributed to the developments of the conflict.

Keywords: Edith Cavell; World War 1; Home Front; War Propaganda.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CONCEITO DE FRENTE DOMÉSTICA .....	11
2.1 AS MULHERES NA FRENTE DOMÉSTICA .....	13
2.2 AS MULHERES NA SOCIEDADE VITORIANA.....	17
2.3 PROPAGANDA E FRENTE DOMÉSTICA.....	19
3 QUEM FOI EDITH CAVELL .....	25
3.1 A MORTE DE EDITH CAVELL .....	27
3.2 ESFORÇOS COMEMORATIVOS PARA EDITH CAVELL .....	30
3.3 EDITH CAVELL NA PROPAGANDA DE GUERRA .....	32
4. THE TIMES EM GUERRA.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	XLIX

## 1. INTRODUÇÃO

Ocorrida entre 1914 e 1918, a Primeira Guerra Mundial foi um conflito global que envolveu as principais potências mundiais da época, organizadas em duas alianças opostas. Caracterizada pela destruição e perda de vidas, a guerra transformou o cenário político, social e econômico mundial. As batalhas foram travadas principalmente na Europa, mas suas repercussões se espalharam por todos os continentes, influenciando a política global e a vida cotidiana de milhões de pessoas. O conflito teve início devido a uma série de tensões políticas e imperialistas, incluindo a anexação da Bósnia-Herzegovina pelo Império Austro-Húngaro em 1908 e o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, no ano de 1914. Esses eventos acionaram uma série de alianças político-militares, que resultaram em uma guerra em larga escala em várias frentes de combate.

A Primeira Guerra Mundial serviu como um catalisador para a mudança na relação das mulheres com o trabalho. Com a mobilização de milhões de homens para o conflito, as mulheres assumiram papéis mais ativos, ocupando postos de trabalho e gerando renda para seus familiares. Embora não pudessem lutar na linha de frente, as mulheres contribuíram de outras maneiras, atuando como operárias, enfermeiras e integrantes em grupos humanitários, prestando assistência a soldados feridos e civis afetados pela guerra. Essa mudança de papel foi fundamental para a manutenção das economias e das sociedades envolvidas no conflito, gerando um impacto duradouro nas normas de gênero e nas expectativas sociais.

Durante este período de conflito intenso, a propaganda tornou-se uma ferramenta crucial utilizada pelos governos para moldar a opinião pública e mobilizar recursos para a guerra. As nações envolvidas empregaram a propaganda não apenas para instigar tropas e recursos, mas também para manter o moral da população e desumanizar o inimigo. Cartazes, panfletos, filmes e reportagens foram disseminados para promover ideologias, justificar ações militares e promover a união nacional. A propaganda atuava como uma arma de guerra, influenciando a percepção pública e estimulando o apoio à causa nacional, muitas vezes através da manipulação de informações e imagens emocionantes.

Neste contexto, a noção de *homefront* surgiu como um conceito fundamental. Enquanto os combates aconteciam nas frentes de batalha, a vida no front doméstico envolvia o apoio ao esforço de guerra, que incluía racionamento de recursos, produção de diversos materiais bélicos, mobilização da força de trabalho civil e ações comunitárias diversas. O conceito de *homefront*

refletia a necessidade de uma participação ativa e contínua da população civil na guerra, demonstrando como a mobilização total se estendia para além dos campos de batalha e atingia a vida cotidiana das pessoas. A colaboração e o sacrifício necessários para a atuação no front doméstico foram essenciais para o sucesso de muitas operações militares e para o suporte de recursos para a guerra.

A história de Edith Cavell, uma enfermeira britânica que atuou na frente doméstica belga e foi executada pelos alemães em 1915, destaca-se como um exemplo significativo de como a propaganda e a percepção pública se entrelaçam durante períodos de guerra. Cavell, que participou de uma rede responsável por ajudar soldados aliados e belgas a escapar do território ocupado pelos alemães, tornou-se um símbolo de martírio. Sua execução foi grandemente divulgada e utilizada pela propaganda britânica para estimular o apoio nacional e fomentar a ira contra os inimigos da Inglaterra. A cobertura intensa de seu caso, especialmente pelo jornal inglês *The Times*, ajudou a consolidar sua imagem como mártir e vítima, representando a influência da propaganda na formação das narrativas de guerra.

A produção historiográfica sobre Edith Cavell se desenvolve ao longo do século XX, demonstrando o impacto gerado por sua execução e o interesse pela sua participação na Primeira Guerra Mundial. No entanto, as produções mais significativas, com uma análise acadêmica mais detalhada de sua vida e legado, só surgem décadas após a sua morte, ganhando maior ênfase no século seguinte com a aproximação do centenário de sua execução. Escritoras como Diana Souhami, Katie Pickles e Catherine Speck oferecem interpretações relevantes sobre a trajetória de Cavell, contribuindo significativamente para a compreensão moderna de sua importância histórica.

Diana Souhami é uma escritora inglesa conhecida por suas biografias, contos e peças de teatro. Em sua biografia "Edith Cavell: Nurse, Martyr, Heroine", publicada pela primeira vez em 2010 e reeditada em 2015 para marcar o centenário da morte de Cavell, Souhami explora a vida e o legado de Cavell sob a perspectiva do altruísmo e da bondade. O livro apresenta uma narrativa detalhada sobre a vida de Cavell, destacando seu trabalho como enfermeira na Bélgica e os eventos que levaram à sua execução pelos alemães. Souhami enfatiza a dedicação de Cavell à sua profissão e seu papel como uma heroína humanitária.

Já Katie Pickles, professora de história na Universidade de Canterbury, na Nova Zelândia, aborda a figura de Edith Cavell a partir de uma perspectiva transnacional. Em seu livro "Transna-

tional Outrage: The Death and Commemoration of Edith Cavell", publicado em 2007, Pickles analisa a reação mundial à execução de Cavell, situando-a no contexto da história imperial e internacional, bem como na história das mulheres e do gênero. A obra explora como a morte de Cavell provocou indignação global e como sua memória foi celebrada e utilizada em diferentes contextos históricos.

Catherine Speck, professora de História da Arte na Universidade de Adelaide, examina a figura de Edith Cavell através de sua representação em arte e memória pública. No artigo "Edith Cavell: Martyr or Patriot", publicado na *Australian and New Zealand Journal of Art*, Speck discute como Cavell foi retratada em cartazes e monumentos, questionando se ela é vista como uma mártir ou patriota. Speck analisa as diferentes interpretações visuais e culturais da imagem de Cavell, mostrando como sua figura foi moldada e reconfigurada ao longo do tempo.

A análise da vida e da morte de Edith Cavell dentro do contexto da Primeira Guerra Mundial confirma não apenas o impacto da propaganda na opinião pública, mas também a maneira como figuras individuais foram moldadas e lembradas como símbolos da "barbárie alemã". Sua história exemplifica, deste modo, a complexa interação entre a realidade do conflito, as estratégias de propaganda e a construção da figura heroica durante uma das épocas mais turbulentas da história do século XX.

## 2. CONCEITO DE FRENTE DOMÉSTICA

A narrativa da guerra costuma focar nos números de homens alistados, nas batalhas travadas e nos trágicos registros de mortos e feridos; entretanto, para além desses confrontos, existe uma dimensão menos contada, porém igualmente importante, conhecida como “frente doméstica”, derivada do inglês *home front*. Enquanto a atenção do público muitas vezes se volta para os eventos dramáticos e os feitos heroicos nos campos de batalha, é na frente doméstica que se desenrolam os esforços de apoio logístico, produção de suprimentos e mobilização social que sustentam a máquina de guerra.

De acordo com Jack Lawrence Granatstein (2006, p.1), “a frente doméstica refere-se aos civis, incluindo mulheres, homens, crianças e adolescentes, que trabalharam de várias maneiras para ajudar o país a lidar com dezenas de milhares de soldados que lutavam no exterior”. Nessa perspectiva, a frente doméstica atua como um ambiente diversificado, onde as contribuições individuais se fundem para atender as demandas da guerra. Desse modo, as mulheres e os jovens da sociedade desempenharam funções fundamentais no suporte logístico e na produção industrial, assumindo empregos em fábricas, fazendas e hospitais, enquanto mantinham as famílias e comunidades funcionando em meio à ausência dos homens envolvidos no conflito, independentemente de qual lado da guerra estivessem.

Economicamente, a frente doméstica demandou a reorganização de indústrias e o aumento da produção de armamentos, equipamentos militares e suprimentos essenciais. Fábricas foram adaptadas para atender às exigências da guerra, enquanto fazendas aumentaram sua produção para suprir as necessidades alimentares das tropas e da população em geral. Além disso, o trabalho voluntário e a participação em campanhas de arrecadação de fundos foram essenciais para financiar as despesas de guerra e oferecer apoio extra aos soldados e suas famílias.

Socialmente, a frente doméstica trouxe uma mudança significativa nas normas de gênero e na participação de várias mulheres na força de trabalho. Mulheres assumiram empregos em diversas áreas, como indústrias de guerra, hospitais, escritórios governamentais e setores de transporte e comunicação.

O *homefront* não se limitou às nações europeias envolvidas no conflito, mas também se estendeu às suas colônias e territórios em todo o mundo. Por exemplo, o Reino Unido mobilizou recursos e mão de obra de suas colônias, como a Índia e o Canadá, para apoiar o confronto. Segundo Tan Tai-Yong (2000), a Índia, em particular, foi responsável pela maior contribuição de

soldados e recursos financeiros para a Grã-Bretanha, enquanto o Canadá contribuiu significativamente com suprimentos para os combates na Europa.

Embora o termo *homefront* tenha sido formalmente introduzido e popularizado durante a Primeira Guerra Mundial, como indica o *Online Etymology Dictionary*, os fundamentos desse conceito podem ser traçados em períodos anteriores de conflito, onde as sociedades já mobilizavam recursos e suporte civil para a persistência na guerra. O termo foi cunhado em 1918, combinando “home”, que se refere ao lar ou à pátria, e “front”, termo militar que descreve a linha de confronto mais avançada em um campo de batalha.

Esta nomenclatura considera a expansão da arena de guerra para incluir nações inteiras, envolvendo não apenas os combatentes no campo de batalha, mas também as populações civis em suas próprias cidades e lares. Antes disso, durante conflitos como a Guerra Civil Americana e outros confrontos importantes, já se observava semelhante mobilização de recursos e suporte civil, embora não fossem formalmente denominados como “frente doméstica”.

Assim, a frente doméstica durante a Primeira Guerra Mundial foi caracterizada por uma diversidade de formas e atividades, refletindo a busca da mobilização total das sociedades em apoio à campanha de guerra. No entanto, embora tenha havido uma adesão expressiva ao *homefront*, a unidade total desejada nunca foi plenamente alcançada, pois alguns setores da sociedade se opuseram à guerra. Ainda assim, essa participação abrangente e múltipla sustentou as operações militares e também moldou profundamente a dinâmica social, econômica e política dos países envolvidos no conflito e de suas colônias e territórios em todo o mundo.

A participação da Austrália na Primeira Guerra Mundial, embora distante geograficamente dos principais espaços de batalha europeus, demonstra a extensão e profundidade da frente doméstica além das fronteiras tradicionais das potências imperialistas europeias. Mesmo após ter alcançado a federação e uma maior autonomia em relação ao Reino Unido, a Austrália demonstrou um envolvimento relevante na guerra, mobilizando uma grande parte de sua população para combater ao lado das forças aliadas.

Conforme observado por Nicole Davis, Nicholas Coyne e Andrew J. May (2017), a guerra era percebida pelos australianos como uma presença tangível e iminente, afetando profundamente a vida cotidiana e a percepção pública. Essa conexão intensa transformou a sociedade australiana, gerando um forte senso de dever e identidade nacional que contribuiu para uma mobilização efetiva de recursos e apoio moral. Esta abrangência reflete não apenas a solidariedade im-

perial, mas também uma emergente sensação de identidade nacional que se fortalecia em resposta ao trauma e às demandas do conflito global.

A consolidação da frente doméstica durante a Primeira Guerra Mundial não apenas respondeu às necessidades imediatas de um conflito de caráter global, mas também estabeleceu um precedente duradouro para a mobilização civil em guerras subsequentes. A eficácia demonstrada pela mobilização abrangente de recursos civis, desde a produção industrial até o suporte social e econômico, ressaltou a importância estratégica das “zonas de retaguarda” em tempos de guerra. Essas lições não foram esquecidas e, algumas décadas mais tarde, o conceito de frente doméstica foi novamente empregado e expandido durante a Segunda Guerra Mundial.

Ademais, o impacto cultural e social da frente doméstica, que começou a ser moldado durante a Primeira Guerra Mundial, continuou a evoluir e a influenciar as sociedades envolvidas em conflitos posteriores. O papel crescente das mulheres na economia e a participação ativa de grupos civis em campanhas de suporte e arrecadação de fundos durante a Segunda Guerra Mundial são testemunhos da expansão e do aprofundamento do conceito de frente doméstica. Dessa forma, a Primeira Guerra Mundial não apenas marcou o início do reconhecimento formal da frente doméstica como uma componente crítica da estratégia militar, mas também pavimentou o caminho para sua implementação em uma escala ainda maior nas décadas seguintes.

## **2.1 AS MULHERES NA FRENTE DOMÉSTICA**

Enquanto os homens eram convocados em massa para as frentes de combate, um vazio imenso precisava ser preenchido nas cidades, fábricas e campos. No Reino Unido, emergiu uma transformação substancial no papel tradicionalmente atribuído às mulheres. Antes vistas principalmente como guardiãs do lar, as mulheres foram convocadas a assumir responsabilidades que cruzavam as fronteiras do espaço doméstico para adentrar novas esferas da vida pública e econômica.

Este período não apenas desafiou, mas também expandiu a compreensão das capacidades femininas, reconfigurando o papel da mulher na sociedade. A frente doméstica tornou-se, assim, um palco onde se desenrolaram mudanças fundamentais, com as mulheres no seu epicentro, desempenhando funções cruciais para o esforço de guerra e para a sustentação da vida cotidiana nas nações em conflito. Um entendimento profundo dessa transição não só destaca a importância das contribuições femininas durante a guerra, como também sinaliza um redesenho das expectativas

sociais que persistiria muito além do armistício.

À medida que o conflito se intensificava em território europeu, com ataques resultando na morte de numerosos civis, um crescente sentimento de urgência permeava a sociedade britânica. A realidade caótica gerada pela guerra conduzia à reflexão sobre a necessidade de envolver todos os segmentos da população nos esforços nacionais. Mulheres e crianças, tradicionalmente vistas à margem das responsabilidades bélicas, foram reconhecidas como essenciais para a continuidade das atividades vitais do país. Assim, elas começaram a assumir empregos essenciais para manter a infraestrutura econômica e social funcionando, enquanto a expansão das atividades e responsabilidades femininas durante a guerra fez crescer a necessidade de apoio médico e logístico nas zonas de combate.

As fábricas de cigarro desempenharam um papel profundo nesse cenário, empregando uma grande quantidade de mulheres em suas linhas de produção. No entanto, a indústria do tabaco não foi a única a contar com uma mão-de-obra feminina durante a guerra. Setores como transporte público, conservação ambiental, caça e gestão de terras, transporte ferroviário, agricultura, processamento de alimentos, construção e obras públicas, indústria de alimentos, serviços de saneamento e coleta de lixo, paisagismo e jardinagem, indústria de bebidas alcoólicas, produção de munições e serviços de saúde e cuidados médicos também viram um aumento significativo da participação feminina (Adie, 2013, p. 62).

Essa crescente presença de mulheres em empregos tipicamente "masculinos" refletiu uma transformação fundamental no *home front* britânico durante a Primeira Guerra Mundial. A reação a essas mudanças foi variada, com alguns segmentos da sociedade respondendo de forma positiva, reconhecendo o papel vital das mulheres na sustentação da economia e da sociedade durante o conflito, enquanto outros expressaram resistência e desconfiança em relação à crescente autonomia e independência das mulheres no mercado de trabalho (Adie, 2013, p. 60-65).

A emergente inclusão das mulheres em novos campos de trabalho, conforme discutido anteriormente, não ocorreu sem desafios, especialmente no contexto das enfermeiras que serviam em zonas de guerra. Neste período, a figura da enfermeira enquanto fenômeno cultural no cenário bélico ainda era relativamente nova, e muitos homens, inclusive no âmbito militar, enfrentavam dificuldades para definir e aceitar o papel dessas mulheres. O envolvimento das enfermeiras na guerra não só desafiava as normas de gênero, mas também suscitava preocupações de segurança entre os oficiais militares. Existia o receio de que, sob o disfarce de seus uniformes, as enfermei-

ras pudessem imprudentemente ou intencionalmente trocar informações sensíveis, comprometendo assim as operações militares. Essas tensões revelam os desafios que as enfermeiras enfrentaram, não apenas em termos das exigências físicas e emocionais de seu trabalho, mas também no que se refere à necessidade de navegarem em um ambiente hostil que frequentemente questionava sua competência e sua legitimidade como profissionais no trabalho de guerra (Speck, 2001, p. 86).

Fora dos campos de batalha, um dos papéis fundamentais desempenhados pelas mulheres foi o envolvimento em iniciativas de arrecadação de fundos destinados ao esforço de guerra. Isso incluiu a participação em eventos como bazares e campanhas de arrecadação, onde as mulheres mobilizavam recursos financeiros essenciais para sustentar as operações militares e o bem-estar dos soldados. Além disso, muitas mulheres se destacaram como especialistas em atividades práticas, como tricô e costura, fornecendo itens essenciais como roupas e cobertores para os soldados nas trincheiras. Suas contribuições abrangeram uma ampla gama de atividades, refletindo sua variedade de habilidades e interesses, bem como seu comprometimento com a causa nacional.

Mulheres de classes sociais mais altas também desempenharam um papel significativo na coordenação de esforços de apoio à guerra. Elas estabeleceram comitês e ligas dedicadas a diversas iniciativas, desde a organização de assistência aos refugiados belgas que encontraram abrigo na Inglaterra até a supervisão de operações voluntárias de limpeza e produção de alimentos (Adie, 2013, p. 37-38).

Desde o início da guerra, houve uma proliferação de sociedades, organizações e comitês femininos dedicados a apoiar os esforços de guerra e a enfrentar os desafios decorrentes do conflito. Um exemplo desse fenômeno foi a *Women's Volunteer Reserve* (WVR), uma organização composta por mulheres que se engajavam em uma variedade de atividades destinadas a fornecer apoio prático e moral durante tempos de crise nacional. A *Women's Volunteer Reserve* se destacou por sua abordagem inovadora ao recrutar e treinar mulheres para desempenhar funções modernas, como a manutenção da ordem e a prestação de primeiros socorros em situações de emergência. Um aspecto notável de suas operações foi o treinamento de jovens mulheres para agir como uma força de contenção durante os ataques aéreos da Alemanha, ajudando a manter a calma e a ordem pública em caso de ameaça inimiga (Adie, 2013, p. 48-50).

Apesar das intenções louváveis por trás de suas atividades, grupos como a *Women's Volunteer Reserve* não estavam isentos de controvérsias e desafios. Suas atividades muitas vezes

geravam desconforto entre parte da população, que via com desconfiança o alastramento da participação ativa das mulheres. Além disso, ao longo do tempo, a própria WVR passou por mudanças significativas em sua organização e propósito de trabalho. A organização passou a incluir uma série de atividades relacionadas à prestação de apoio logístico e de saúde para as tropas, como o fornecimento de alimentos, a limpeza de instalações militares e o treinamento em primeiros socorros. Nesse sentido, o trabalho da *Women's Volunteer Reserve* convergiu com o de outras organizações femininas, como a *Women's Legion* (WL), que também desempenharam um papel crucial na prestação de apoio durante a guerra (Adie, 2013, p. 49-53).

As sufragistas, que já possuíam experiência na mobilização de apoio público para causas políticas, desempenharam um papel proeminente nesse contexto. Elas utilizaram suas habilidades organizacionais e de comunicação para promover a conscientização sobre a importância da guerra e mobilizar recursos em apoio aos esforços militares. No dia seguinte ao início da Primeira Guerra Mundial, essas mulheres mobilizaram-se para estabelecer o *Women's Emergency Corps* (WEC). Esta iniciativa representou um esforço consciente para reivindicar o reconhecimento da importância e da vitalidade do trabalho das mulheres no contexto do trabalho de guerra, desafiando assim as narrativas predominantes que subestimavam o valor das contribuições femininas em comparação com as dos homens combatentes. O *Women's Emergency Corps* rapidamente emergiu como uma entidade heterogênea, envolvendo-se em uma variedade de atividades destinadas a apoiar a luta e amenizar os impactos do conflito sobre a sociedade (Adie, 2013, p. 53).

As integrantes do *Women's Emergency Corps* adotaram uma abordagem abrangente e proativa para suas operações, reconhecendo a diversidade de habilidades e interesses entre as mulheres envolvidas. Entre as atividades realizadas pelo grupo, destacaram-se iniciativas ímpares como a organização de aulas de francês para enfermeiras, reconhecendo a importância do domínio de idiomas estrangeiros para facilitar a comunicação e a prestação de cuidados médicos em um contexto de guerra internacional. Essas iniciativas sugerem não apenas a adaptabilidade e o compromisso das mulheres envolvidas na associação, mas também a sua capacidade de identificar e responder às necessidades emergentes da sociedade durante um período de crise. Ao desafiar as noções tradicionais de gênero e participação na esfera pública, o *Women's Emergency Corps* desempenhou um papel importante na promoção da igualdade de gênero e na redefinição do papel das mulheres na sociedade britânica (Adie, 2013, p. 53-55).

## 2.2 AS MULHERES NA SOCIEDADE VITORIANA

A eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 marcou um período de transformação social e cultural, no qual os valores consolidados da Era Vitoriana ainda exerciam uma influência expressiva sobre a sociedade britânica. A mentalidade conservadora e os costumes tradicionais que caracterizaram a Era Vitoriana continuavam a moldar as normas sociais e as expectativas de comportamento, mesmo em face dos desafios sem precedentes apresentados pelo conflito global. Nesse contexto, as percepções sobre o papel das mulheres na sociedade eram profundamente enraizadas nos ideais vitorianos de virtude, modéstia e dever, refletindo uma estrutura patriarcal que valorizava a manutenção da ordem social e moral.

A Era Vitoriana, que abrangeu o reinado da rainha Vitória de 1837 a 1901, é amplamente reconhecida como um período de grande importância na história britânica. Durante esse tempo, a Grã-Bretanha experimentou uma combinação única de conservadorismo cultural e prosperidade econômica, que a consolidou como uma das maiores potências do mundo. Sob o domínio de uma monarca venerada e com um império vasto e em expansão, a sociedade vitoriana foi caracterizada por uma estrutura de classe rígida, uma forte ética do trabalho e uma ênfase na moralidade e na decência pública.

O conservadorismo cultural que permeou a Era Vitoriana exercia uma influência profunda sobre todos os aspectos da vida, desde as relações familiares até as interações sociais e políticas. Normas rígidas de conduta e etiqueta governavam a vida diária, com um foco particular na manutenção da moralidade e da decência em todas as esferas da sociedade. Segundo Monteiro (1996, p. 61):

No período vitoriano, o progresso das ciências e a sofisticação da técnica, com reflexos em todas as camadas sociais, criaram um ambiente propício para o surgimento de um tipo feminino cujo perfil se pode nitidamente traçar. Nessa época, com efeito, o questionamento religioso de par com um processo evolutivo indiferente aos anseios sociais suscitou a necessidade de se buscar um ponto de equilíbrio entre o público e o privado, uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base, naturalmente, era o lar, e como seu representante elegeu-se alguém com as qualidades de guardião da moral e da castidade. (Monteiro, 1996, p. 61)

As mulheres eram frequentemente submetidas a expectativas rigorosas de comportamento, com sua conduta sendo estritamente monitorada e regulada de acordo com os ideais vitorianos de feminilidade e virtude. Essa cultura conservadora não apenas influenciava a vida pública, mas

também se estendia ao domínio privado, moldando as relações familiares, os padrões de educação e até mesmo a expressão artística e cultural da época.

Apesar das rígidas normas sociais que restringiam o papel das mulheres na sociedade vitoriana, houve indivíduos que desafiaram essas convenções por meio da expressão literária. Em um contexto onde a participação feminina em atividades intelectuais era frequentemente desencorajada e até mesmo considerada uma transgressão, algumas mulheres encontraram na escrita uma forma de protesto e empoderamento. A literatura tornou-se um meio pelo qual essas mulheres podiam explorar questões sociais e políticas, bem como desafiar as noções tradicionais de gênero e classe.

Por meio de personagens femininas complexas, algumas escritoras ofereceram um vislumbre de um mundo alternativo, onde as mulheres buscavam sua própria liberdade e agência, muitas vezes negando as restrições sociais impostas sobre elas. Charlotte Brontë e Elizabeth Gaskell estão entre algumas das escritoras mais proeminentes do período vitoriano que desafiaram as normas sociais por meio de sua escrita. Charlotte Brontë, em seu romance "Jane Eyre", apresentou uma heroína que desafiava as convenções sociais de classe e gênero, buscando sua própria independência e autodeterminação. Elizabeth Gaskell, em obras como "Norte e Sul", explorou questões de classe, industrialização e feminilidade em meio à sociedade vitoriana em transformação.

Através de certas formas de expressão artística, as mulheres na sociedade vitoriana encontraram uma voz para questionar as normas sociais e os papéis de gênero impostos a elas. Essa expressão criativa permitiu que as mulheres encontrassem uma saída para suas frustrações e anseios, pois como afirma Kamita (2005, p. 87), conforme citado por Souza (2020, p. 2):

Nem todas nasceram para o bordado e para o crochê e aspiravam a mais em suas vidas. Ser dona de casa ou a rainha do lar – títulos apaziguadores para os ânimos mais exaltados – não tinha significação para algumas mulheres que preferiam serem verdadeiramente donas e poder gerenciar seus bens, assim como rainhas de outros reinos [...]. (Kamita, 2005, p. 87 apud Souza, 2020, p. 2)

Diante da influência moral da era vitoriana na sociedade britânica, a participação das mulheres em papéis tradicionalmente reservados aos homens durante a Primeira Guerra Mundial destacou-se como uma resposta à necessidade emergente do Estado em mobilizar recursos humanos para o esforço de guerra. Como observado por Joan Scott (1995, p. 90), “as mudanças nas

relações de gênero muitas vezes são impulsionadas por considerações sobre as necessidades do Estado”. Nesse contexto, a guerra desempenhou um papel crucial na quebra de barreiras de gênero e na redefinição dos papéis das mulheres na sociedade.

Desse modo, enquanto os valores morais da era vitoriana continuavam a exercer influência sobre as normas sociais, a urgência das demandas da guerra criou uma necessidade premente de mão de obra, levando as mulheres a assumirem uma variedade de ocupações e responsabilidades anteriormente consideradas parte ou totalmente masculinas. Assim, a participação das mulheres na frente doméstica durante a Primeira Guerra Mundial não apenas desafiou as noções tradicionais de gênero, mas também representou um momento de transformação significativa na história das relações de poder e nas dinâmicas sociais de gênero.

### **2.3 PROPAGANDA E FRENTE DOMÉSTICA**

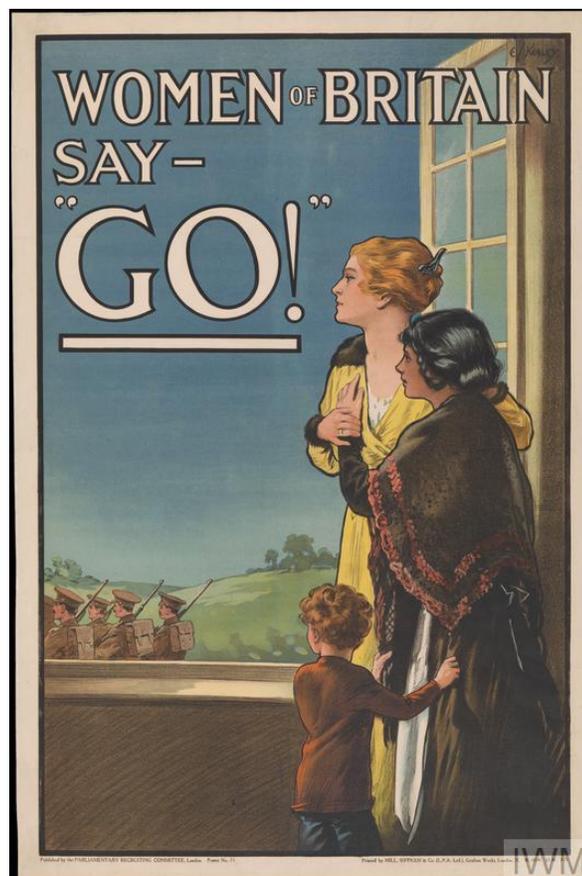
A propaganda desempenhou um papel crucial na mobilização e sustentação da frente doméstica durante a Primeira Guerra Mundial. Ela serviu como uma ferramenta eficaz para influenciar as atitudes, comportamentos e percepções da população civil, incentivando o apoio às atividades de guerra e promovendo o engajamento ativo na frente doméstica. Essa publicidade desempenhou várias funções-chave nesse contexto, incluindo a criação de um senso de unidade nacional, a geração de apoio moral e emocional para as tropas, a promoção da produção e conservação de recursos, e a mobilização de grupos específicos, como as mulheres. Além disso, a propaganda foi essencial na disseminação de mensagens ideológicas e na construção de narrativas que justificavam o conflito e promoviam a causa nacional.

No que diz respeito à propaganda direcionada especificamente às mulheres, ela desempenhou um papel duplo. Por um lado, visava persuadir as mulheres a apoiarem ativamente o esforço de guerra em casa, incentivando sua participação em atividades como o trabalho industrial, o voluntariado em serviços de apoio às tropas, a economia doméstica e a produção de suprimentos essenciais. Por outro lado, a propaganda dirigida às mulheres também buscava reforçar a necessidade de incentivar os homens a participarem da guerra.

Atualmente, muitos dos cartazes de propaganda usados durante a Primeira Guerra Mundial estão disponíveis para consulta pública e pesquisa, destacando-se os acervos digitais de instituições como o *Imperial War Museums*. Um exemplo desses materiais é o cartaz "Women of Britain say 'Go!'", lançado em 1915, um período em que o número de alistamentos militares come-

çava a declinar. Este cartaz tinha como objetivo motivar mais homens a se alistarem para o combate, apresentando mulheres — esposas, irmãs e mães — como figuras que encorajavam essa decisão. A imagem e o slogan visavam gerar o senso de dever e a pressão social para que os homens se juntassem às forças armadas.

Figura 1 - Women of Britain say "Go"

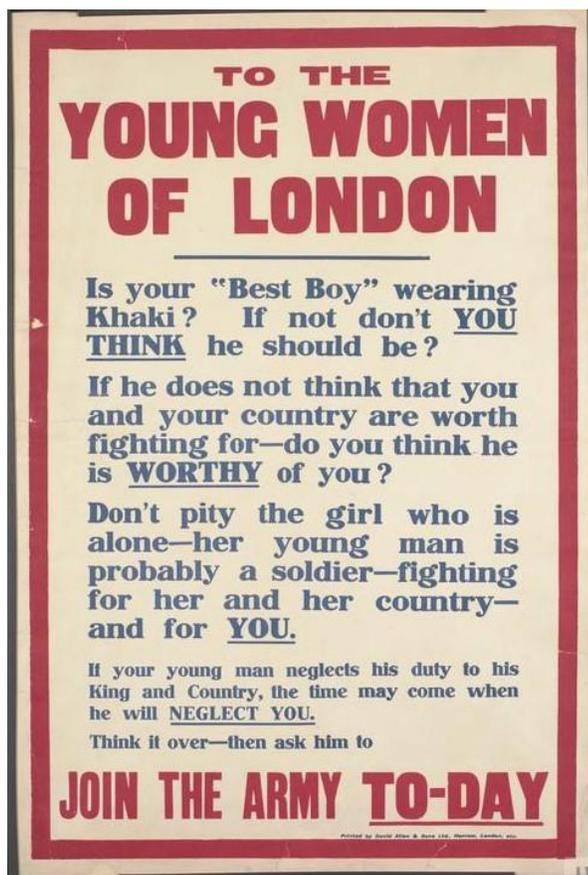


Fonte: Imperial War Museums

Além do cartaz "Women of Britain say 'Go!'", muitos outros foram produzidos com o objetivo de usar a figura feminina para instigar a participação masculina no conflito. Por exemplo, o cartaz "Women of Lancashire" alertava que ao impedir ou desencorajar um homem de se alistar, as mulheres poderiam imprudentemente prolongar a guerra e aumentar o risco para aqueles já presentes no campo de batalha. Outro exemplo notável é o "To the Young Women of London", que trazia uma mensagem categórica: um homem que negligencia suas responsabilidades para com o país e a coroa seria igualmente capaz de negligenciar sua parceira. Tais cartazes não ape-

nas buscavam mobilizar os homens para a guerra, mas também estabeleciam um discurso que atribuía às mulheres um papel moral e socialmente responsável no incentivo ao alistamento.

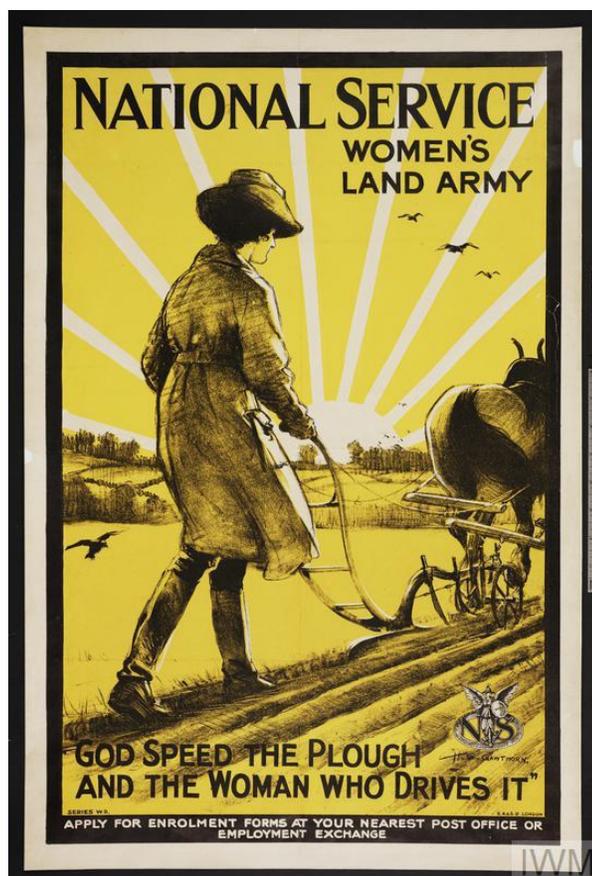
Figura 2 - To the Young Women of London



Fonte: Imperial War Museums

Além dos cartazes que incentivavam o alistamento masculino, houve também uma produção significativa de cartazes voltados para o recrutamento feminino em atividades essenciais ao front doméstico. Um exemplo marcante é o cartaz do *National Service Women's Land Army*, que convocava mulheres a se juntarem à *Women's Land Army*. Este movimento era crucial para a substituição da força de trabalho masculina que havia sido enviada para as frentes de batalha. As funções destacadas incluíam trabalhos agrícolas, cuidados com animais e até mesmo a derrubada de árvores. Os cartazes desempenhavam um papel vital ao reforçar a mensagem de que a contribuição feminina era não apenas útil, mas urgentemente necessária para o sustento nacional e o sucesso da guerra.

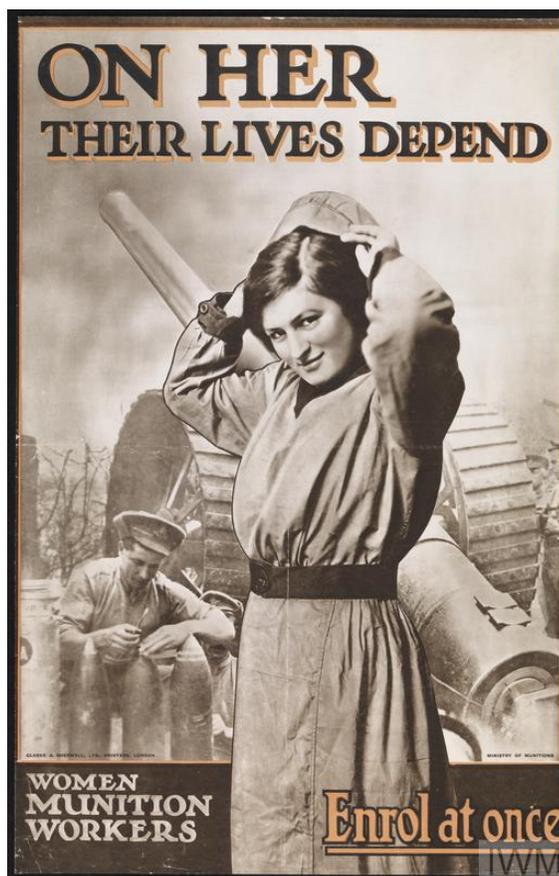
Figura 3 - National Service Women's Land Army



Fonte: Imperial War Museums

O cartaz "On Her Their Lives Depend" é outro exemplo do papel das mulheres na frente doméstica durante a Primeira Guerra Mundial. Nele, vemos a representação de uma mulher operária na produção de munições. A presença dela é central, posicionada à frente da imagem de um soldado britânico carregando uma arma com as munições produzidas. Essa composição visual enfatiza a interdependência entre aqueles que serviam no front e os trabalhadores em casa, ressaltando como as vidas dos soldados dependiam diretamente dos esforços das mulheres que produziam os suprimentos essenciais para a guerra. Esse cartaz é mais um lembrete do papel fundamental das mulheres na frente doméstica.

Figura 4 - On Her Their Lives Depend



Fonte: Imperial War Museums.

Além dos cartazes e pôsteres, a propaganda durante a Primeira Guerra Mundial encontrou expressão em uma variedade de mídias. Essa abordagem permitiu que as mensagens de propaganda alcançassem diferentes segmentos da sociedade e permeassem diversos aspectos da vida cotidiana britânica, reforçando assim sua influência e impacto na mobilização da frente doméstica. Entre as figuras que contribuíram para essa disseminação da propaganda, destacam-se duas mulheres significativas. Vesta Tilley, conhecida por sua atuação teatral, foi uma das pioneiras na promoção do alistamento militar por meio de suas performances teatrais. Vestida com um uniforme de soldado, Tilley cantava canções patrióticas e incentivava o público a se juntar à luta. Sua presença nos palcos não apenas entreteve, mas também serviu como um poderoso meio de propaganda, alcançando e influenciando uma ampla audiência (Adie, 2013, p. 20).

Outra figura importante foi Jessie Pope, uma poetisa e escritora inglesa cujos poemas patrióticos foram amplamente divulgados. Seus versos engrandeciam o heroísmo e o sacrifício dos

soldados, avivando o fervor patriótico e incentivando o apoio à causa nacional. As produções de Pope eram frequentemente publicadas em jornais e revistas. Seu trabalho desempenhou um papel importante na mobilização da opinião pública e na promoção do engajamento na frente doméstica, destacando o impacto das mulheres na difusão da propaganda durante esse período (Adie, 2013, p. 21).

### 3. QUEM FOI EDITH CAVELL

Antes de ser transformada em mártir, Edith Louisa Cavell era uma mulher comum, dedicada à enfermagem e apaixonada pela pintura em aquarela. Ela nasceu em 4 de dezembro de 1865, na vila de Swardeston, próxima à cidade de Norwich, na Inglaterra. Edith era a primogênita de Louisa Sophia e do vigário local, Frederick Cavell, e tinha três irmãos mais novos: duas irmãs e um irmão. Como filha de um vigário, Edith Cavell e seus irmãos receberam uma educação cristã rigorosa. Cavell recordava sua infância com grande felicidade e satisfação. Durante esse período, ela e seus irmãos foram incentivados a ajudar os menos favorecidos e a distribuir alimentos aos necessitados. Cavell herdou a gentileza de sua mãe e um forte desejo de realizar obras de caridade. (Souhami, 2010, p. 27)

Edith foi educada inicialmente em casa, recebendo uma educação básica adequada para uma jovem vitoriana. Cavell e seus irmãos não estavam isentos das expectativas impostas por seu pai. De acordo com a mentalidade vitoriana predominante na época, as mulheres eram mais valorizadas quando se casavam e se tornavam esposas, mães e donas de casa dedicadas, trabalhos fora do lar que eram considerados inadequados para elas. Nos primeiros anos de sua adolescência, Cavell acreditava que, se permanecesse solteira, seu destino seria tornar-se governanta de uma família próspera, uma das poucas ocupações consideradas adequadas por seu pai. (Souhami, 2010, p. 28)

Aos 16 anos, Cavell foi descoberta fumando na sala de estudo de seu pai, o que resultou em sua transferência para internatos em diversas regiões da Inglaterra, distanciando-a de sua família e amigos. Entre 1882 e 1884, Cavell frequentou internatos que desenvolveram suas habilidades acadêmicas e artísticas, destacando-se particularmente em idiomas, mas que também funcionavam como centros de treinamento destinados a formar mulheres para serem esposas ideais. Essas instituições restringiam a expressão de suas ideias e desejos, moldando Cavell para ser uma mulher séria e devota.

Em 1887, aos 22 anos, Edith Cavell assumiu seu primeiro emprego como governanta. Na época, governantas frequentemente se tornavam "solteironas", devido à falta de tempo e oportunidades para estabelecer relacionamentos. Além disso, essas mulheres eram esperadas a se dedicar inteiramente ao trabalho, mesmo recebendo salários modestos. Na sua função, Cavell cuidava de quatro crianças, ocupando-se de alimentá-las, vesti-las, passear com elas, além de ensiná-las inglês, francês e música. Ela também era responsável por organizar suas rotinas e contribuir para

as atividades na igreja do vigário, que era o chefe da família para a qual trabalhava. (Souhami, 2010, p. 36)

Uma viagem à Alemanha, um ano após sua primeira experiência como governanta, despertou em Edith Cavell o desejo de trabalhar no exterior. Esse desejo só seria realizado em 1890, aos 25 anos, quando Cavell se tornou governanta de uma família em Bruxelas, na Bélgica. Os cinco anos de estadia no país permitiram que ela aprendesse a falar francês fluentemente e proporcionaram valiosos momentos de reflexão sobre seus planos futuros. Em uma carta endereçada a um de seus primos, Cavell escreveu: “Ser governanta é apenas temporário, mas um dia, de alguma forma, vou fazer algo útil. Não sei o que será. Só sei que será algo para as pessoas. Elas são, na maioria, tão desamparadas, tão feridas e tão infelizes”. (Souhami, 2010, p. 43)

No verão de 1894, durante uma viagem à vila de Swardeston, Edith Cavell retornou à sua casa, que já não contava com a presença de seus irmãos. Suas irmãs, Florence e Lilian, ao contrário de Edith, não seguiram a carreira de governanta; ambas estavam treinando para se tornarem enfermeiras. Nessa época, a profissão de enfermagem estava se tornando cada vez mais popular, e as mulheres que optavam por essa carreira já não eram mais vistas com maus olhos. No ano seguinte, em dezembro de 1895, Cavell iniciou seu treinamento como auxiliar de enfermagem no Hospital Fountains Fever em Tooting, no sul de Londres, abandonando definitivamente a carreira de governanta em prol de ajudar os necessitados. (Souhami, 2010, p. 59)

Sete meses depois, no Hospital de Londres, Edith Cavell finalmente se tornou enfermeira, exercendo a profissão na Inglaterra por dez anos consecutivos sem interrupções. Durante esse período, Cavell adquiriu experiência em todas as áreas da enfermagem, cuidando de bebês e adultos e tratando desde os problemas mais simples até os mais complexos. Essas diversas experiências, sua familiaridade com o estilo de vida belga e sua fluência em francês foram essenciais para que, em 1907, Cavell fosse convidada pelo prestigiado médico Antoine Depage a assumir o cargo de matrona na primeira escola de formação para enfermeiras em Bruxelas. (Souhami, 2010, p. 111)

Na Bélgica, Edith Cavell chegou determinada a reformar a enfermagem local com base em seus conhecimentos. Sob sua liderança, a escola de enfermagem de Bruxelas progrediu. Edith introduziu métodos modernos de treinamento e gestão, e suas alunas eram conhecidas por sua competência e profissionalismo. Além de suas responsabilidades administrativas, Edith também se envolveu ativamente no atendimento aos pacientes, ganhando a admiração tanto dos profissio-

nais de saúde quanto dos pacientes que ela atendia. Em pouco mais de dois anos, ela alcançou sucesso em seu projeto, tornando-se uma referência na área da enfermagem. Cavell conseguiu formar uma excelente equipe de enfermeiras e foi responsável pela proliferação de várias outras escolas de enfermagem na Bélgica. (Souhami, 2010, p. 131)

Quando a Primeira Guerra Mundial estourou em 1914, Edith estava em férias na Inglaterra, mas rapidamente retornou à Bélgica para continuar seu trabalho. Com a invasão alemã e a ocupação de Bruxelas, Edith enfrentou uma nova realidade desafiadora. No entanto, ela permaneceu dedicada à sua missão e não cogitou deixar o país durante o conflito. Cavell sabia, desde o início, que sua participação seria extremamente necessária. (Souhami, 2010, p. 158)

### **3.1 A MORTE DE EDITH CAVELL**

Em 3 de agosto de 1914, as tropas alemãs cruzaram a fronteira da Bélgica. Edith Cavell demonstrava estar confiante na vitória dos aliados, mas ciente de que haveria muitos feridos. Ela se preparava para receber e tratar esses indivíduos, participando ativamente da organização e inspeção de locais adequados para a instalação de hospitais temporários da Cruz Vermelha. (Souhami, 2010, p. 163)

O exército alemão continuou sua marcha até Bruxelas, com a intenção de avançar até Paris. Em 20 de agosto de 1914, a população belga, assustada com as movimentações, assistiu à passagem dos alemães. Cavell, juntamente com suas enfermeiras, observava o evento com sentimentos mistos. Por um lado, reconhecia os alemães como inimigos que traziam destruição, mas, por outro, via homens exaustos longe de suas famílias. Naquela noite, Cavell declarou às suas enfermeiras: “Qualquer soldado ferido deve ser tratado, amigo ou inimigo. Cada homem era pai, marido ou filho. Como enfermeiras, não devem tomar parte na discussão. O trabalho delas era pela humanidade”. (Souhami, 2010, p. 173)

Parte do exército alemão permaneceu na Bélgica, ocupando várias cidades além de Bruxelas. Os alemães tomaram controle dos serviços públicos e a polícia secreta, *Geheime Politische Polizei*, ocupou vários edifícios. Os cidadãos belgas eram vigiados constantemente, com patrulhas nas ruas e espiões infiltrados entre a população. Mesmo ciente dos riscos de ajudar soldados ingleses e franceses feridos, Cavell decidiu tratá-los e ajudá-los a escapar da Bélgica. (Souhami, 2010, p. 175)

Com o fracasso alemão em suas conquistas na França, as leis e o tratamento dado à população belga tornaram-se mais severos. Cavell e outros residentes da região se empenharam em ajudar o máximo de soldados aliados possível, criando uma rede clandestina de assistência. Feridos eram tratados, alimentados e escondidos; suas roupas eram trocadas e documentos falsos eram produzidos. Descobriu-se uma rota de fuga pela fronteira com a Holanda, e estratégias foram desenvolvidas para conduzir os homens até lá sem serem descobertos. (Souhami, 2010, p. 196)

Neste cenário, o conceito de homefront, geralmente associado à participação dos cidadãos no esforço de guerra dentro do próprio país, pode ser expandido para incluir a atuação de cidadãos em territórios ocupados, como no caso de Edith Cavell, que estava no que pode ser chamado de *homefront* belga. Além de suas funções como enfermeira, ela começou a participar de uma organização civil ilegal, demonstrando a necessidade de adaptação às novas realidades impostas pela guerra.

Cavell utilizou sua casa, a escola de treinamento para enfermeiras, como um dos abrigos temporários para os refugiados. Ela participou do *homefront* belga de novembro de 1914 até julho de 1915, preocupando-se com a segurança dos que ajudava. Como não era seguro receber cartas diretamente dos soldados, ela pedia que eles escrevessem para sua mãe, garantindo que estavam em segurança. A correspondência era verificada, e Cavell não podia arriscar o fracasso de seu trabalho secreto. (Souhami, 2010, p. 206)

Com o tempo, o número de pessoas necessitando da ajuda de Cavell aumentava, e os espiões alemães começaram a suspeitar cada vez mais dela. Soldados sob seus cuidados não colaboravam com a discrição necessária, e comentários sobre ruídos vindos da escola chegaram aos ouvidos da enfermeira. Além disso, em suas cartas à mãe e parentes, Cavell às vezes foi descuidada ao usar códigos que poderiam gerar suspeitas se interceptados. (Souhami, 2010, p. 259)

Os envolvidos na operação clandestina perceberam que estavam sendo investigados. Cavell notou a movimentação estranha em sua rua, a frequência de visitas da polícia e os supostos soldados que não sabiam informar de onde haviam escapado, e queimou todas as evidências de seu envolvimento (Souhami, 2010, p. 283). Mesmo assim, decidiu continuar ajudando aqueles que batiam em sua porta. Em 5 de agosto de 1915, foi presa. Durante sua prisão, Cavell foi submetida a interrogatórios sobre suas ações. Cavell não pôde verificar a integridade de seus depoi-

mentos com clareza, pois foram registrados em alemão. Além disso, ela não teve representação legal enquanto permaneceu isolada nos dias de sua reclusão. (Souhami, 2010, p. 292)

Mesmo encarcerada em uma cela solitária, com seus depoimentos frequentemente adulterados e privada de qualquer contato com as pessoas de sua convivência na escola de enfermagem, Edith Cavell demonstrava uma grande preocupação com sua família, seu cachorro e suas enfermeiras. Apesar do inconveniente de estar presa e do isolamento extremo, Cavell mantinha um espírito resiliente, expressando maior apreensão pelo bem-estar daqueles que amava do que pela sua própria situação. Nos meses em que esteve presa, Edith Cavell encontrou consolo e força em sua fé religiosa, se apegando aos princípios cristãos que haviam guiado a sua vida. (Souhami, 2010, p. 303)

No final de setembro, alguns dias antes de seu julgamento, Edith Cavell recebeu permissão para visitas. Durante essa visita, ela teve a oportunidade de conversar sobre sua paixão pela enfermagem, discutindo o progresso das enfermeiras e o andamento da nova escola de treinamento. Poder receber uma visita foi um alívio tanto para Edith quanto para as pessoas da escola, pois até então todos estavam limitados à troca de cartas apenas uma vez por semana. (Souhami, 2010, p. 323)

Poucos dias antes do julgamento, o advogado designado para Edith Cavell foi impedido de atuar no caso pelos promotores alemães, forçando a comissão da escola de enfermagem a encontrar rapidamente um substituto para defendê-la. Sadi Kirschen, o novo advogado belga, não teve permissão para ver Cavell antes de sua aparição no tribunal e não podia receber detalhes específicos das acusações contra ela. Além disso, Kirschen não era fluente em alemão (Souhami, 2010, p. 332). Na manhã do dia 7 de outubro, Cavell foi encaminhada para a primeira sessão do julgamento no Palácio Nacional Belga, juntamente com outros acusados de participar da rede de auxílio a britânicos, franceses e belgas. (Souhami, 2010, p. 336)

Foi apenas no segundo dia de julgamento, em 8 de outubro, que a sentença foi anunciada. Edith Cavell foi julgada como uma das principais organizadoras de um esquema que ajudava soldados ingleses a fugir da Bélgica e facilitava o alistamento de homens belgas e franceses em idade militar para lutar contra o exército alemão. Como resultado, ela foi acusada de traição, apesar de não ser cidadã alemã e nem residir na Alemanha. Juntamente com outras quatro pessoas, Cavell foi sentenciada à pena de morte. Mesmo diante dessa sentença, relatos de pessoas presentes

no momento diziam que ela permaneceu calma e serena, contrastando com o desespero manifestado pelos demais condenados (Souhami, 2010, p. 352).

No dia 11 de outubro, Edith Cavell foi informada que sua execução ocorreria na manhã seguinte. Consciente de que, por ser uma mulher inglesa, implorar por piedade não alteraria a decisão já tomada, ela não tentou fazê-lo. Cavell passou o restante do dia escrevendo cartas de despedida para as enfermeiras da escola e para sua mãe. Além disso, ela recebeu o reverendo Stirling Gahan em sua cela, com quem conversou e se preparou espiritualmente para o que estava por vir. Durante a visita, ela disse a ele:

"I have no fear or shrinking; I have seen death so often that it is not strange or fearful to me. Life has always been hurried and full of difficulty. This time of rest has been a great mercy. Everyone here has been very kind. But this I would say, standing as I do in view of God and Eternity: I realise that patriotism is not enough. I must have no hatred or bitterness towards anyone." (Souhami, 2010, p. 392)<sup>1</sup>

No dia seguinte, Edith Cavell foi levada ao Tir National, um campo de tiro e complexo de treinamento militar alemão, junto com Philippe Baucq, um dos outros acusados de traição e sentenciado à pena de morte como ela. Às sete da manhã, ela foi executada por um pelotão de fuzilamento. Seu corpo foi enterrado às pressas, sem cerimônia de despedida. Edith Cavell faleceu aos 49 anos, em uma morte cruel, mas com a consciência tranquila de ter cumprido seu dever como enfermeira (Souhami, 2010, p. 399). Cavell nunca buscou ser vista como uma heroína ou mártir; sua motivação sempre foi a compaixão e a dedicação ao cuidado dos necessitados.

### 3.2 ESFORÇOS COMEMORATIVOS PARA EDITH CAVELL

A notícia da execução de Edith Cavell em 12 de outubro de 1915 no *Tir National* foi rapidamente divulgada e ocupou manchetes na Inglaterra e internacionalmente. Essa divulgação gerou uma onda de respostas visuais e textuais, incluindo memoriais de guerra, cartazes de recrutamento, cartões postais e até filmes. As primeiras homenagens a Cavell surgiram na forma de biografias, muitas delas publicadas poucas semanas após sua morte. Essas obras, muitas vezes, eram reformulações ou cópias exatas do conteúdo presente nos jornais que estavam sendo publicados,

---

<sup>1</sup> "Não tenho medo ou receio; já vi a morte tantas vezes que ela não é estranha ou assustadora para mim. A vida sempre foi apressada e cheia de dificuldades. Este tempo de descanso tem sido uma grande misericórdia. Todos aqui têm sido muito gentis. Mas isso eu diria, estando como estou diante de Deus e da Eternidade: percebo que o patriotismo não é suficiente. Não devo ter ódio ou amargura em relação a ninguém." (tradução nossa)

não necessariamente trazendo informações precisas sobre a prisão, o julgamento e a execução de Edith Cavell.

No final de 1915, foi estabelecido o *The Edith Cavell War Memorial Committee* com o objetivo de criar homenagens póstumas para Edith Cavell. Em busca de orientações sobre a melhor forma de honrá-la, o comitê contatou a família de Edith. Sua irmã mais nova, Lilian, respondeu que preferia a ausência de monumentos e sugeriu a criação de uma casa para enfermeiras aposentadas. Esta ideia refletia um desejo que a própria Edith tinha de realizar quando se aproximasse de sua aposentadoria. O pedido da irmã de Edith Cavell não foi respeitado à risca, pois diversos monumentos foram criados em sua homenagem posteriormente. No entanto, eventualmente foram estabelecidas as “The Edith Cavell Homes of Rest for Nurses”, concebidas justamente para abrigar enfermeiras de idade avançada. Em meados de 1918, cinco dessas “Cavell Homes” estavam em funcionamento, atendendo centenas de enfermeiras por ano (Souhami, 2010, p. 421)

Mesmo após o fim da guerra, Edith Cavell não foi esquecida. Seus restos mortais foram exumados e levados de volta ao Reino Unido, onde houve um grande funeral de Estado na Abadia de Westminster, em Londres. Esta cerimônia, realizada em 15 de maio de 1919, contou com a presença de uma grande multidão, incluindo membros da família real britânica, representantes militares e cidadãos comuns. Após o serviço memorial na Abadia de Westminster, o corpo de Edith Cavell foi transportado para Norwich, na região de Norfolk, onde ela nasceu. Lá, ela foi enterrada na área da catedral de Norwich, ao lado de uma grande cruz de pedra erguida em sua memória.

A Inglaterra atualmente está repleta não apenas de patrimônios materiais em homenagem a Edith Cavell, como a escultura em St. Martin's Place em Londres, mas também conta com uma ampla gama de patrimônios imateriais, como ruas que receberam seu nome. Segundo o *Collins Greater London Street Atlas*, há pelo menos onze ruas dedicadas à enfermeira e heroína da Primeira Guerra Mundial, incluindo Edith Gardens, Edith Grove, Edith Road, Cavell Avenue, Edith Yard, Edith Terrace e Edith Cavell Close. Além de Londres, outras cidades da Inglaterra também possuem ruas em homenagem a Cavell, como Birkenhead, que tem uma Edith Street, e Sunderland, onde essa homenagem também é vista. Oxford possui as ruas Cavell Road e Edith Road, enquanto Swardeston apresenta a Cavell Court (Barney, 2005, p. 217).

As homenagens a Edith Cavell ultrapassaram as fronteiras britânicas, refletindo sua influência global. Em Bruxelas, tanto a Escola de Enfermagem Edith Cavell quanto a rue Edith Ca-

vell servem como testemunhas do tempo que a enfermeira passou na Bélgica. No Canadá, o Monte Edith Cavell destaca sua importância, enquanto a Austrália foi uma das primeiras nações a explorar o caso de Edith Cavell com três filmes exibidos em Sydney, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Além disso, França, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos também têm instituições que carregam o nome de Edith Cavell, como hospitais, estradas e escolas (Barney, 2005, p. 218).

Ao longo do século XX, o legado de Edith Cavell continuou a atrair interesse e manter sua relevância na história. Sua influência ultrapassou gerações, e no século XXI, ela ainda é lembrada e honrada. Um dos tributos mais recentes a Edith Cavell foi realizado em 2015 pela Casa da Moeda Real do Reino Unido, que emitiu uma moeda de 5 libras com o perfil da enfermeira. Essa iniciativa serviu não apenas para reacender a memória dos eventos da Primeira Guerra Mundial, mas também para marcar o centenário do falecimento da heroína de guerra, Edith Cavell.

### **3.3 EDITH CAVELL NA PROPAGANDA DE GUERRA**

A execução de Edith Cavell rapidamente se tornou uma manchete nos principais jornais britânicos, como *The Times* e *Daily Mail*. Este episódio ocorreu em um momento em que esses veículos de mídia estavam ocupados com a disseminação de propagandas patrióticas. O caso de Cavell não apenas capturou a atenção do público, mas também serviu como combustível para reforçar ainda mais essa narrativa. A tragédia de Cavell “inaugura” sua participação no *homefront* britânico, pois foi habilmente utilizada para retratar a Alemanha de forma negativa e para estimular o fervor patriótico.

A propaganda destacou Cavell como um símbolo de pureza, uma mulher, enfermeira e cristã, cujo destino trágico reforçou a necessidade de lutar pelo país para evitar que outros compartilhassem o mesmo destino (Barney, 2005, p. 225). Esse uso estratégico do nome de Cavell na propaganda de alistamento contribuiu para um aumento significativo na quantidade de homens presentes nos centros de alistamento britânicos, refletindo a eficácia da narrativa criada em torno de sua morte.

No mês de outubro, os detalhes do julgamento e da execução de Edith Cavell foram amplamente divulgados pela imprensa. Embora muitas informações equivocadas tenham sido disseminadas, o sentimento geral gerado foi de revolta, diante do sofrimento infligido à inocente en-

fermeira inglesa pelas mãos dos alemães. O impacto desse evento na memória popular era significativo e fazia parte de uma estratégia governamental para manter o fervor patriótico e incentivar a continuidade do esforço de guerra.

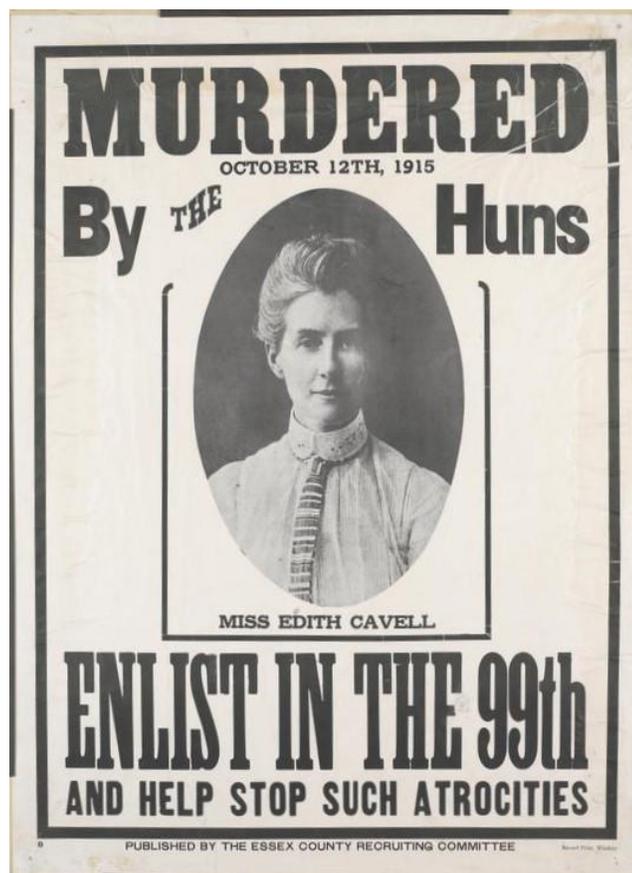
Para alcançar esse objetivo, o governo britânico investiu na divulgação dos acontecimentos não apenas na imprensa nacional, mas também em jornais ao redor do mundo, incluindo Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Estados Unidos. Essas manchetes internacionais não apenas destacavam a “brutalidade” do ato cometido pelos alemães, mas também retratavam os alemães de forma extremamente negativa, servindo como um apelo emocional que incentivava homens de outras nações a se alistar para servir na guerra. Além disso, contribuíram para diminuir a neutralidade de países como os Estados Unidos.

Na Alemanha, o impacto do caso Cavell e os comentários sobre a nação e os alemães causaram choque e preocupação entre a população. O Kaiser Guilherme II, percebendo as consequências negativas que o episódio estava gerando, tomou medidas para conter o dano à imagem internacional da Alemanha. Ele ordenou que nenhuma mulher fosse executada sem sua permissão prévia e realocou alguns dos oficiais envolvidos na morte de Edith Cavell (Souhami, 2010, p. 419).

Apesar das tentativas de minimizar o incidente, os oficiais alemães continuaram a propagar a narrativa de que Cavell era uma espiã e líder de uma organização que recrutava soldados para a guerra. Eles argumentavam que a morte de uma mulher culpada não era mais significativa do que a morte de milhares de pessoas inocentes. Essa tentativa de justificação demonstrava a preocupação do governo alemão em controlar o impacto negativo do caso Cavell em sua reputação internacional. (Souhami, 2010, p. 416)

Enquanto a má reputação alemã se solidificava na Inglaterra, a imagem negativa da Alemanha continuava sendo reforçada internacionalmente por meio de cartazes que incentivavam o alistamento militar e ao mesmo tempo culpavam os alemães pelo ocorrido com Edith Cavell. Um exemplo marcante é o cartaz distribuído no Canadá intitulado “Murdered by the Huns” ou “Assassinada pelos Alemães”. Este apresentava uma imagem centralizada de Edith Cavell vestida com roupas comuns, seguida de uma mensagem explícita que incentivava o alistamento militar como meio de prevenir mais atrocidades como a que levou à morte de Cavell.

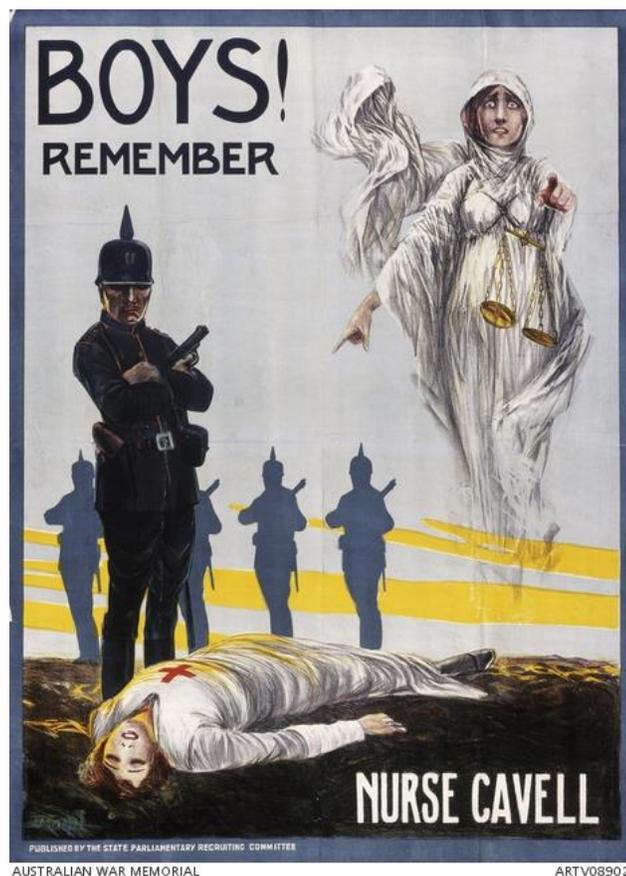
Figura 5 - Murdered by the Huns



Fonte: Imperial War Museums

Em 1915, um cartaz foi distribuído na Austrália sob o título "Boys! Remember Nurse Cavell". Este apresentava um oficial alemão empunhando uma arma enquanto observava com uma expressão ameaçadora Edith Cavell, que se encontra no chão. Atrás do cenário, a figura alegórica da Justiça era retratada apontando uma mão para o oficial e a enfermeira, e com a outra mão apontando diretamente para o espectador do cartaz. Este design provocativo servia como um chamado à ação, instigando nos jovens australianos um sentimento de urgência para se alistarem e lutar contra as injustiças cometidas pelos alemães.

Figura 6 - Boys! Remember Nurse Cavell



Fonte: Australian War Memorial

O elemento recorrente na propaganda de guerra era a imagem emotiva de Edith Cavell, que se mostrava impactante ao público por retratá-la como uma vítima inocente, cruelmente assassinada por um inimigo implacável que não possuía senso de honra ao tratar com mulheres frágeis. Essa representação sugeria que Cavell encarnava a pureza e a virtude, brutalmente silenciadas pela barbárie alemã, reforçando a narrativa de que sua morte era um símbolo da desumanidade do adversário.

A representação de Edith Cavell como uma mulher fragilizada é a mais comum em 1915, logo após sua execução, quando sua imagem é amplamente utilizada pela propaganda de guerra britânica. Durante esse período, a figura de Cavell é continuamente retratada como uma mulher vulnerável, vítima da brutalidade alemã, o que reforça a necessidade de proteção e vingança por parte dos soldados britânicos. Essa narrativa permanece sendo disseminada ao longo da guerra, alimentando o sentimento de indignação e nacionalismo entre a população.

No entanto, com o fim da guerra, a imagem de Cavell nos cartazes e materiais de propaganda começa a mudar. A partir de então, ela passa a ser retratada com mais seriedade e dignidade, sem a conotação de uma jovem indefesa que precisa ser resgatada. Sua figura é transformada em uma memória póstuma, representando uma vítima do conflito que a sociedade havia acabado de superar. Cavell é lembrada não apenas como uma mulher que sofreu, mas como uma pessoa que teve uma participação importante na guerra.

#### 4. THE TIMES EM GUERRA

O jornal, com seu custo acessível, distribuição regular e ampla penetração social, rapidamente se tornou um hábito de consumo diário para muitas pessoas. Sua praticidade e natureza descartável o tornaram um meio ideal para disseminar informações de forma eficiente e rápida (Barros, 2023, p. 33). Durante períodos de guerra, essa capacidade de alcance e influência se torna ainda mais significativa.

Os jornais desempenham um papel crucial em tempos de conflito por diversas razões. Primeiramente, eles possibilitam a disseminação rápida de informação. Em tempos de guerra, a necessidade de manter a população informada sobre os desenvolvimentos no front e nas políticas internas é vital. Os periódicos conseguem fornecer atualizações constantes e detalhadas, ajudando a formar uma narrativa coesa sobre os acontecimentos. Além disso, os jornais são instrumentos poderosos de propaganda e moral. Governos frequentemente os utilizam para disseminar propaganda, com o objetivo de manter o moral da população e das tropas elevado.

Outra função importante dos jornais é a formação da opinião pública. Os jornais moldam a percepção pública dos eventos, influenciando como as pessoas interpretam e respondem à guerra. A escolha de palavras, imagens e a ênfase em certos aspectos da notícia podem direcionar o sentimento público de apoio ou repulsa. Os jornais também atuam como instrumentos de mobilização. Além de informar, são usados para mobilizar a população, seja através de apelos ao alistamento, campanhas de arrecadação de fundos ou incentivo ao trabalho voluntário (Barros, 2023, p. 38).

O "The Times" é um dos jornais diários mais antigos da Inglaterra e se destacou como uma das fontes mais importantes de notícias em todo o mundo. Fundado em 1785 sob o título "The Daily Universal Register" e adotando seu nome atual em 1 de janeiro de 1788, *The Times* tornou-se um pilar do jornalismo britânico, trazendo informações desde política até esportes. Sediado em Londres, o jornal foi pioneiro em muitos aspectos, sendo o primeiro a receber o nome "Times", influenciando a criação de diversos outros jornais ao redor do mundo, como *The Times of India*, *The New York Times* e *The Irish Times*, entre outros.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o *The Times* desempenhou um papel crucial, fornecendo cobertura extensiva e detalhada dos eventos que ocorreram ao longo dos anos de duração do conflito. O jornal dedicou-se a relatar os desenvolvimentos no front e na retaguarda, bem como as repercussões políticas e sociais da guerra. Para conseguir cobrir a grande quantidade de

notícias, o *The Times* chegou a aumentar a quantidade de páginas em suas edições, garantindo que seus leitores tivessem acesso a informações completas e atualizadas sobre os acontecimentos durante a guerra.

Assim como vários outros pontos relacionados à Primeira Guerra Mundial foram amplamente explorados no jornal, o caso de Edith Cavell não poderia ficar de fora. A primeira menção ao ocorrido com a enfermeira em Bruxelas aparece quatro dias após sua morte, sob o título "Englishwoman Executed in Belgium"<sup>2</sup>. Esta primeira notícia é curta e não fornece muitos detalhes sobre o ocorrido além da acusação de que "Miss Edith Cavell [...] foi presa no dia 5 de agosto pelas autoridades militares alemãs sob a acusação de ter abrigado soldados britânicos e belgas"<sup>3</sup> e do fato de que, até aquele momento, "nenhuma acusação de espionagem havia sido formalmente levantada contra ela"<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> **Englishwoman executed in Belgium.** *The Times*, Londres, 16 out. 1915, p. 8. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Ibid.



Norfolk”<sup>6</sup>. Além disso, a matéria destacava que “Miss Cavell foi treinada como enfermeira no London Hospital”<sup>7</sup> e já atuava no ramo da enfermagem há anos, sendo muito dedicada ao seu trabalho. A reportagem também mencionou que, no início da guerra, Edith teve a oportunidade de voltar para a Inglaterra, mas decidiu permanecer na Bélgica, reforçando que ela “resolveu permanecer em seu posto”<sup>8</sup>.

Nos dias subsequentes à sua morte, Edith Cavell continuou a ser mencionada quase que diariamente no jornal durante o mês de outubro. As reportagens não apenas atualizavam os leitores sobre os desdobramentos de seu caso, mas também aprofundavam detalhes de sua vida e sacrifício. Através das edições do jornal, é possível perceber que o interesse pela história de Cavell tornou-se mútuo entre os editores do *The Times* e seus leitores. As cartas enviadas por esses leitores revelam uma crescente indignação e comoção pública, à medida que mais informações eram compartilhadas sobre o caso.

O primeiro registro de uma carta de um leitor em relação ao caso de Edith Cavell ocorreu no dia 19 de outubro de 1915<sup>9</sup>. Essa carta foi uma expressão clara da indignação e repulsa da sociedade britânica em relação aos alemães, reforçando a percepção de crueldade e injustiça associada à execução de Cavell. A carta, enviada por Jocelyn Henry Speck, foi publicada na seção de cartas ao editor do jornal e dizia:

Senhor, se alguma vez houve um desafio à cavalaria de nossos jovens em idade militar ainda não alistados, certamente será ouvido na execução covarde de uma inglesa nas mãos de um inimigo para quem nações que se prezem no futuro podem ter apenas um sentimento: aversão absoluta. (tradução nossa)

Essa carta não apenas reforçava a indignação sentida pela sociedade britânica, mas também servia como um apelo emocional, incentivando mais homens a se alistarem nas forças armadas. A leitora usou a execução de Edith Cavell como um símbolo da brutalidade alemã e como um chamado à ação para todos os jovens britânicos que ainda não haviam se alistado. Em suas próprias palavras: “O chamado é uma voz [vinda] do túmulo - a voz da Enfermeira Edith Cavell daquele pátio de execução em Bruxelas. Ela, estando morta, ainda fala”<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> **The Execution of Miss Cavell. To the Editor of The Times.** *The Times*, Londres, 19 out. 1915, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>10</sup> Ibid.

Segundo Barros (2023, p. 36), “não há nada de neutro na mais simples escolha encaminhada pelo jornal acerca do que informar, de quando informar, de como informar”. Nesse sentido, as notícias sobre Edith Cavell começaram a ocupar uma posição central nas páginas do *The Times*. Desde os primeiros relatos sobre sua execução, a cobertura dos eventos relacionados a Cavell raramente aparecia nas últimas páginas das edições, refletindo a importância que o jornal atribuía ao caso. Especialmente no momento inicial, quando sua morte ainda estava muito recente, as matérias sobre Cavell eram frequentemente destacadas, indicando o peso emocional e político que o *The Times* atribuía à sua história. Essa escolha editorial não apenas informava, mas também moldava a percepção pública.

Não demorou para que surgissem relatos daqueles que estiveram com Edith Cavell nos dias que antecederam sua execução. Esses testemunhos começaram a ser publicados no *The Times*, trazendo detalhes sobre seus últimos momentos e suas palavras finais. A ideia de que Cavell “estava feliz por morrer por seu país”<sup>11</sup> foi apresentada, reforçando sua imagem de coragem e patriotismo. No entanto, à medida que mais notícias eram produzidas, a narrativa em torno de Cavell evoluiu, culminando no reconhecimento dela como uma mártir.

A imprensa britânica compreendia que a escolha de representar Edith Cavell como uma patriota ou como um mártir teria impactos distintos na opinião pública. Ao manter o discurso daqueles que conheciam Cavell e afirmavam que ela não se acovardou diante dos homens que seriam responsáveis por sua morte, a narrativa de que Cavell estava feliz por morrer por sua pátria a transformaria automaticamente em uma patriota. Contudo, essa representação poderia também associá-la à sua participação em uma organização civil ilegal na Bélgica, sugerindo que sua execução não foi irrelevante, mas sim uma medida dos alemães para eliminar uma ameaça importante.

Por outro lado, ao optar por retratá-la como mártir, a imprensa poderia, em algumas ocasiões, compartilhar a ideia de que Cavell sentiu medo enquanto estava presa, representando-a não apenas em notícias, mas também em cartazes que enfatizavam a crueldade alemã ao assassinar uma mulher inocente que implorou por sua vida e que não aceitou seu trágico destino no *Tir National*. Essa narrativa seria o método ideal para gerar comoção em todos os setores da sociedade,

---

<sup>11</sup> **Miss Cavell's Death.** *The Times*, Londres, 22 out. 1915, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

impulsionando, sobretudo, os alistamentos de mais homens para a guerra, todos determinados a vingar a enfermeira.

A partir da decisão de adotar a imagem de Cavell como mártir, a imprensa e o governo britânico encontraram uma maneira de movimentar o *homefront* e manter o apoio da população ao esforço de guerra. A morte da enfermeira, amplamente divulgada e romantizada, serviu como um catalisador para a opinião pública, especialmente em um momento crítico, como 1915, quando o número de voluntários no Reino Unido começava a diminuir. Ao apresentá-la como uma vítima inocente e heroica, o governo oferecia à sociedade uma justificativa moral para continuar contribuindo com o esforço de guerra, seja por meio de trabalho nas fábricas, seja pelo alistamento. Transformar Cavell em um símbolo de sacrifício era uma estratégia eficaz para reavivar o sentimento patriótico, enquanto retratá-la como uma guerreira ou resistência poderia diminuir o impacto emocional de sua morte e enfraquecer o efeito desejado sobre a mobilização da população.

O *The Times* também relatou o que os jornais alemães comentaram sobre o caso de Edith Cavell. Inicialmente, a imprensa alemã praticamente não mencionou a execução de Cavell, referindo-se apenas a um "caso de espionagem em Bruxelas"<sup>12</sup>. Em um breve relatório publicado pelo *Vossische Zeitung*, datado de Bruxelas em 19 de outubro, foi informado, sem explicações detalhadas, que “a sentença contra a inglesa Edith Cavell já foi executada”<sup>13</sup> e que ela era descrita apenas como uma integrante significativa de uma organização que ajudava soldados fugitivos.

Os jornais alemães justificaram a execução como uma medida necessária para desencorajar atividades similares, afirmando que a decisão serviria de advertência aos belgas para que obedecessem às regulamentações do governador-geral. Além da natureza do caso, as próprias declarações da Alemanha serviram para piorar a imagem do país. Mal-entendidos nas comunicações diplomáticas e na mídia em torno da execução de Edith Cavell fizeram com que os alemães fossem forçados a comentar mais vezes sobre o caso, que até então consideravam resolvido. As explicações adicionais e a necessidade de justificar suas ações publicamente contribuíram para aumentar a repulsa internacional e solidificar a percepção negativa sobre o regime alemão.

---

<sup>12</sup> **Through German Eyes.** *The Times*, Londres, 26 out. 1915, p. 7. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>13</sup> *Ibid.*

Ainda no mês de outubro, o jornal trouxe a opinião dos integrantes da House of Lords, a câmara alta do Parlamento do Reino Unido<sup>14</sup>. De modo geral, eles parecem compreender as razões pelas quais Cavell foi acusada, embora enfatizem a necessidade de mais investigações sobre o caso. Contudo, consideram terrível que ela tenha sido julgada, condenada e executada "a sangue frio"<sup>15</sup> pelos alemães, argumentando que nenhuma outra nação tomaria tal atitude.

A narrativa de que Cavell estava envolvida em espionagem praticamente não é levantada nas notícias. Desde a primeira menção ao ocorrido, a imprensa britânica faz questão de dissociar a figura de Cavell de qualquer envolvimento em espionagem. Na matéria, os lordes do Parlamento inglês reiteram que a ação adotada pela Alemanha foi digna de um país "incivilizado"<sup>16</sup> e que nenhum outro lugar no mundo condenaria uma mulher dedicada a aliviar o sofrimento alheio.

O jornal reforça várias vezes que representantes dos Estados Unidos e da Espanha na Bélgica tentaram, até o último momento, alterar a sentença de morte de Cavell ou, ao menos, suspendê-la temporariamente. No entanto, esses esforços se mostraram ineficazes. O impacto dessas notícias se reflete nas cartas dos leitores, onde a opinião pública permanece profundamente revolvida contra os alemães. Para a população, a verdadeira natureza da condenação de Cavell é menos relevante do que o fato de ela ser uma enfermeira cristã inocente, cuja vida foi cruelmente ceifada.

Enquanto isso, a importância de Edith Cavell crescia, com notícias destacando a troca de cartas entre membros da realeza britânica e os familiares da enfermeira<sup>17</sup>. Diversas reportagens mencionavam a criação de homenagens póstumas cada vez mais grandiosas para ela. No entanto, a família de Cavell não via necessidade em todas essas homenagens e acreditava que Edith preferiria a criação de uma instituição para ajudar soldados que retornaram da guerra<sup>18</sup>. Como escreveu sua irmã em uma carta ao *Nursing Mirror*: "Acho que posso dizer sem hesitação que esses desejos seriam a criação de um fundo ou de uma instituição [...] para ajudar soldados, feridos na guerra, nas dificuldades que enfrentarão ao retornar para casa"<sup>19</sup>.

---

<sup>14</sup> **House of Lords.** *The Times*, Londres, 21 out. 1915, p. 15. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> **The Death of Miss Cavell.** *The Times*, Londres, 26 out. 1915, p. 8. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>18</sup> **The Cavell Case.** *The Times*, Londres, 28 out. 1915, p. 11. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>19</sup> *Ibid.*

Apesar dos desejos expressos pela família de Edith Cavell, a enfermeira continuou a ser amplamente homenageada em várias localidades. Em novembro, as notícias sobre Cavell focaram na inauguração de estátuas em sua homenagem na França<sup>20</sup> e na renomeação de ruas para Edith Cavell na Bélgica<sup>21</sup>. Essas e outras homenagens não se limitaram ao ano de sua execução e ao período da guerra; mesmo no século XXI, novas homenagens foram realizadas no centenário de sua morte, demonstrando a contínua relevância e impacto de seu legado ao longo das décadas.

Com o passar do tempo, a noção de que Edith Cavell era um mártir se tornava cada vez mais consolidada. No entanto, as representações de Cavell nas notícias muitas vezes pareciam não se aprofundar em algumas características da enfermeira ou até mesmo nunca foram apresentadas aos leitores. De acordo com Speck (2001, p. 87), “O próprio pedido de Cavell, feito em resposta ao comentário de Stirling Gahan de que ela seria lembrada como uma heroína e mártir, foi: ‘Não pensem em mim assim, pensem em mim apenas como uma enfermeira que tentou cumprir seu dever’”. Esta conversa de Cavell com o reverendo Gahan enquanto presa revela o desejo dela quanto a como gostaria de ser lembrada. No entanto, esse desejo não foi amplamente divulgado porque não era conveniente para a narrativa que a retratava como mártir e heroína, uma representação que servia aos interesses propagandísticos da época.

Ainda em 1915, o *The Times* publicou mais uma edição contendo um compilado de cartas endereçadas ao editor, intitulada "The Martyrdom of Miss Cavell" (O Martírio de Miss Cavell)<sup>22</sup>. Entre as contribuições dos leitores, destaca-se o comentário de Valentine Chirol, que faz a seguinte descrição de Cavell:

Uma mártir no sentido mais pleno do termo, pois com sua morte ela testemunhou não apenas a fé que havia nela, mas também a natureza essencial da luta em que seu país está envolvido - uma luta não meramente metafórica, mas verdadeiramente de vida ou morte. (tradução nossa)

Após o *The Times* se referir a Edith Cavell como mártir, outros periódicos britânicos e internacionais também adotaram essa nomenclatura em suas reportagens. Jornais como o *The Daily Mail*, *The Manchester Guardian*, e *The New York Times* seguiram o exemplo, reforçando ainda mais essa ideia na opinião pública.

<sup>20</sup> **French Record of the Cavell Crime.** *The Times*, Londres, 06 nov. 1915, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>21</sup> **Simple Service at St. Paul's.** *The Times*, Londres, 30 out. 1915, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>22</sup> **The Martyrdom of Miss Cavell.** *The Times*, Londres, 25 out. 1915, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

Mesmo que os textos jornalísticos continuassem a representar Edith Cavell como uma mártir, não se pode afirmar que essa ideia foi consolidada em todos os âmbitos. Em vários momentos, ela também foi retratada como patriota, especialmente na construção dos monumentos em sua homenagem. Pessoas próximas a Cavell, que participaram da criação desses memoriais, enfatizavam sua coragem e tranquilidade até os últimos momentos de vida, reforçando a imagem de uma mulher que morreu com bravura por sua pátria. Essa dualidade na representação de Cavell mostra como diferentes aspectos de sua história foram destacados conforme o contexto e a intenção dos envolvidos em preservar sua memória.

Embora o armistício de 11 de novembro de 1918 tenha marcado o fim da Primeira Guerra Mundial, o interesse na figura de Edith Cavell e sua influência na sociedade não cessaram com o término do conflito. Ao longo dos anos, a história de Cavell continuou a ser relevante e amplamente discutida. Até 1985, o último ano disponível nos arquivos do *The Times*, Edith Cavell foi mencionada em mais de 550 reportagens no jornal, sugerindo a duradoura importância de sua história.

O *The Times* continuou se dedicando a relembrar o ocorrido com Edith Cavell, destacando novos detalhes que emergiram após a derrota da Alemanha. Com o acesso a informações previamente ocultas, o jornal revelou a existência de espiões e detetives alemães que investigavam e denunciavam pessoas envolvidas em organizações de resgate de soldados inimigos, como a organização na qual Cavell estava envolvida. Alguns nomes de possíveis responsáveis por sua prisão foram levantados, e notícias com títulos como "Betrayal of Miss Cavell" trouxeram à tona o caso de um homem que esteve sob os cuidados de Cavell, mas que a delatou aos detetives que a investigavam<sup>23</sup>.

O ano de 1919 foi particularmente significativo para a história de Cavell, pois marcou a realização de sua "despedida" oficial. Em um evento amplamente coberto pela imprensa, foi realizado um funeral em honra a Edith Cavell, que finalmente proporcionou a ela a cerimônia de despedida que sua memória merecia<sup>24</sup>. Esse funeral não apenas simbolizou o reconhecimento póstumo de seu sacrifício, mas também consolidou ainda mais seu status como uma figura de importância nacional e internacional. Essa ideia é reforçada pelo fato de que, após o funeral, o *The*

---

<sup>23</sup> **Betrayal of Miss Cavell.** *The Times*, Londres, 25 ago. 1919, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>24</sup> **Miss Cavell's Funeral.** *The Times*, Londres, 09 mai. 1915, p. 9. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

*Times* publica que “a enfermeira Cavell foi uma heroína nacional que fez mais pela guerra ao morrer do que muitos generais fizeram ao viver”<sup>25</sup>.

A presença constante de reportagens dedicadas a detalhar o funeral e as homenagens a Cavell não apenas reavivou a memória do sofrimento que ela enfrentou, mas também realçou o impacto emocional e o reconhecimento contínuo de seu sacrifício. A forma como o funeral foi amplamente coberto e o nível de participação pública nas homenagens refletiram a profundidade dos sentimentos e emoções despertados pelo martírio de Edith Cavell (Pickles, 2016, p. 2).

Nos anos seguintes, Cavell continuou sendo mencionada como uma figura importante que perdeu a vida durante a guerra, cuja memória não poderia ser esquecida. No entanto, novos detalhes sobre seu caso tornaram-se raros, cedendo espaço para notícias que comentavam sobre a construção de monumentos em sua homenagem ao redor do mundo.

---

<sup>25</sup> **A Symbol of Sacrifice.** *The Times*, Londres, 17 mai. 1915, p. 10. Disponível em: <https://archive.thetimes.co.uk/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo procurou entender, antes de focar nos impactos gerados pela execução de Edith Cavell, como a sociedade em geral, e mais especificamente a participação feminina em tempos de guerra, adquiriu novas características que impactariam em grandes eventos futuros, como a Segunda Guerra Mundial. Durante a Primeira Guerra Mundial, a mobilização em massa não se limitou apenas aos homens no campo de batalha; as mulheres também desempenharam papéis essenciais, assumindo funções que antes lhes eram inacessíveis e consequentemente, contribuindo de modo significativo durante a guerra.

A relação de Edith Cavell com esse processo é simbólica, pois ela passou por essa adaptação às novas realidades impostas por um conflito de escala global. Como enfermeira britânica trabalhando na Bélgica ocupada, Cavell não apenas cuidou de soldados feridos, mas também ajudou muitos a escapar da captura, desafiando diretamente as forças ocupantes. Sua execução pelos alemães e a subsequente utilização de sua história na propaganda britânica refletem como as experiências das mulheres durante a guerra foram de certo modo integradas e amplificadas para gerar uma opinião pública.

Embora estivesse fisicamente no front belga, a execução de Cavell e sua subsequente utilização pela propaganda britânica fez com que sua figura fosse parte integral do *homefront* britânico. Através das reportagens do *The Times* e outros meios de comunicação, a narrativa de Cavell foi moldada para servir de motivação e união nacional. A presença constante de notícias sobre sua morte e os detalhes de seu funeral alimentavam o sentimento de ira contra o inimigo e mantinham o moral elevado no Reino Unido. Assim, mesmo após sua morte, Cavell passa a “participar” do *homefront* britânico através das narrativas controladas pela mídia e agências de propaganda.

Aprofundar-se na história de vida de Edith Cavell e acompanhar seu trabalho durante a guerra foram essenciais para que ela não se tornasse apenas uma figura qualquer na história, valorizada apenas quando conveniente para a construção de uma narrativa. Embora Cavell fosse uma mulher comum e provavelmente tenha morrido sem a consciência de que se tornaria um mártir, sua trajetória na enfermagem e seu papel crucial durante a guerra a destacam como uma pessoa de grande importância. Ela foi responsável por salvar muitas vidas, oferecendo cuidados médicos e apoio em um período de extrema necessidade. Esse compromisso com a humanidade e sua de-

dicação à profissão de enfermagem conferem a Cavell um lugar significativo na história de muitos indivíduos, independentemente do uso propagandístico de sua morte.

Em suma, entender a influência da propaganda em tempos de guerra torna perceptível as razões pelas quais a morte de Edith Cavell foi tão explorada, especialmente pela imprensa britânica. Naquele momento crítico vivido pelos ingleses e seus aliados, havia uma necessidade urgente de motivação adicional para continuar a luta. A história de Cavell possuía todas as características necessárias para alimentar o sentimento de ira contra o inimigo: sua coragem, resiliência e dedicação humanitária tornaram-se pontos importantes. A narrativa de sua execução forneceu um impulso emocional necessário, reforçando a determinação e o espírito de resistência da população e dos soldados, elementos essenciais para motivar a sociedade em tempos de guerra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNEY, Shane M. **The Mythic Matters of Edith Cavell: Propaganda, Legend, Myth and Memory.** *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, Vol. 31, No. 2, History, Memory and Cognition, pp. 217-233, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- CAMARGO, Natalia; FERREIRA, Geniane Diamante. **A literatura feminista da Era Vitoriana – Ativismo e estilística na obra de Elizabeth Gaskell.** 2020.
- DAVIS, Nicole; COYNE, Nicholas; MAY, Andrew J. **World War I on the Home Front - The City of Melbourne 1914–1918.** 2017.
- GRANATSTEIN, J. I. **Wartime Home Front.** 2006. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/wartime-home-front>.
- HUGHES, A.-M. C. **War, gender and national mourning: The significance of the death and commemoration of Edith Cavell in Britain.** *Revue européenne d'histoire [European Review of History]*, v. 12, n. 3, p. 425–444, 2005.
- KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho.** Florianópolis: Mulheres, 2005.
- MONTEIRO, M. C. **Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca.** Fragmentos (Florianópolis), Editora DAUFSC- Santa Catarina, v. 8, p. 61-71, 1996.
- PICKLES, Katie. **Transnational outrage: The death and commemoration of Edith Cavell.** Gordonsville, VA, USA: Palgrave Macmillan, 2016.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- SOUHAMI, Diana. **Edith Cavell.** London: Quercus, 2010.
- SOUZA, Viviane Andrade. **O espaço da mulher na literatura vitoriana: uma análise de *Villette*, de Charlotte Brontë.** 2020.
- SPECK, Catherine. **Edith Cavell: martyr or patriot.** *Australian and New Zealand Journal of Art*, v. 2, n. 1, p. 83–98, 2001.
- TAI-YONG, Tan. **An imperial home-front: Punjab and the First World War.** *The Journal of Military History*, v. 64, n. 2, p. 371, 2000.

**DECLARAÇÃO DE VERACIDADE DAS INFORMAÇÕES E AUTENTICIDADE  
DOS DOCUMENTOS APRESENTADOS**

Eu, Nicole Geovanna Silva e Lima, declaro para todos os efeitos que o trabalho de curso intitulado O Legado de Edith Cavell e sua Presença na Propaganda de Guerra (1915), foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília - DF, 05 de Setembro de 2024  
(Cidade - UF) (Data)

Nicole Geovanna Silva e Lima

Assinatura